

Guimarães Jazz



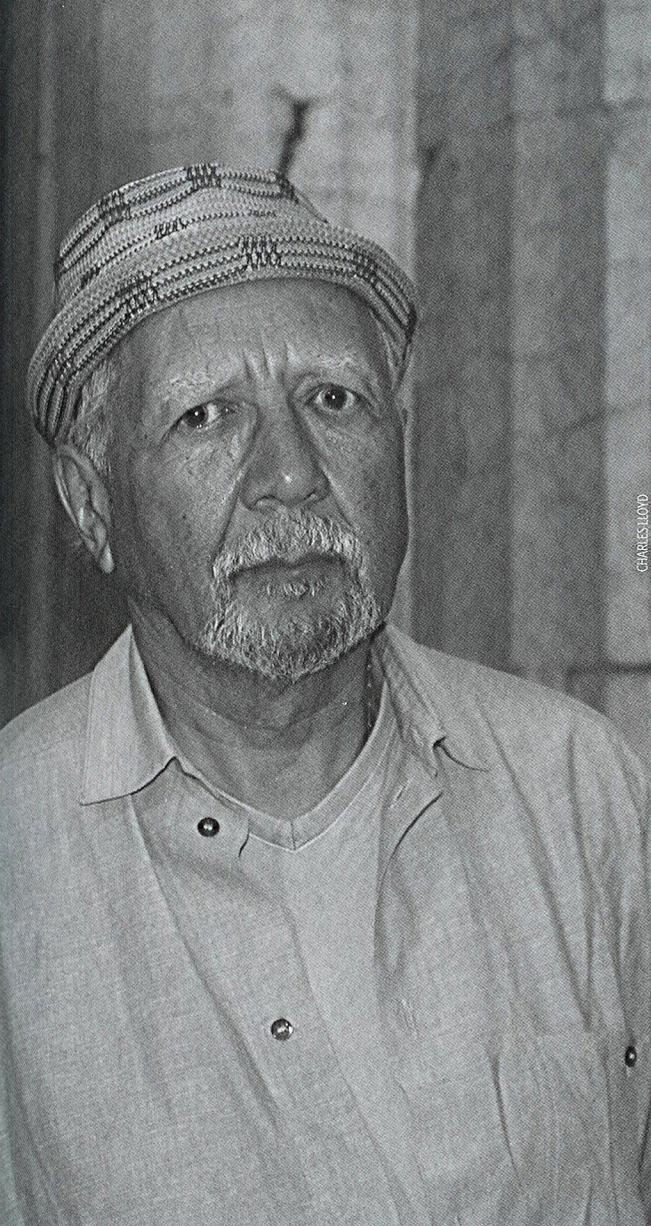
Quase a fazer 20 anos, o festival da cidade-berço volta a ter um cartaz de luxo, todo ele feito de nomes sonantes: Charles Lloyd, Ravi Coltrane, Dave Liebman, Joe Lovano, Kenny Garrett, Gonzalo Rubalcaba, Diane Schuur, Julian Argüelles e a New York Composers Orchestra de Wayne Horvitz e Robin Holcomb já têm as passagens de avião reservadas para virem a Portugal.

PREVIEW

Centro Cultural Vila Flor 11 a 20 de Novembro

texto GONÇALO FALCÃO

Guimarães é um dos melhores sítios de Portugal para se ir em Novembro. Por tradição, os dias do Guimarães Jazz presenteiam-nos com sol para camisa (os nórdicos que cá vêm atiram-se de cabeça para a "t-shirt", mas nós não andamos ávidos), e as chuvitas parvas que podem ocorrer normalmente não são suficientes para impedir o desfrute de uma cidade belíssima ou dos castros e monumentos dos arredores. As noites trazem normalmente um frio áspero, mas, para compensar, os restaurantes aconchegam-nos com sabores honestos. Por fim, a sala aveludada do auditório do Centro Cultural Vila Flor oferece doses reforçadas de jazz de qualidade. Quase a fazer 20 anos, o Guimarães Jazz é um festival que se afirmou pela qualidade e que conseguiu estabelecer uma relação sólida com o público: os organizadores vão seguindo no monitor a sala a esgotar-se com bilhetes vendidos "online", do Algarve a Vigo. Apesar de ter caminhado das franjas (primeiras edições) para o chamado "mainstream" (palavra que aqui é ilustrativa, mas pouco exacta), o seu director artístico, Ivo Martins, tem conseguido manter o evento atraente e surpreendente. Para este ano, o programador voltou a conseguir montar um conjunto de propostas que procura não defraudar a "adesão emocional" já existente.



CHARLES LLOYD

Como vem sendo habitual, o festival começa por celebrar um nome fundamental do jazz e este ano homenageia a música de Lionel Hampton. O dia 11 de Novembro, quinta-feira, abre assim a swingar aceleradamente, com um grupo alargado de músicos em palco, com destaque para Diane Schuur na voz e Jason Marsalis no vibrafone. Desde 2003 que Kenny Garrett vem editando uma série de bons discos ("Standard of Language", "Beyond the Wall", "Sketches of MD") e, portanto, esta parece ser a melhor altura para o ouvirmos ao vivo. Garrett ganhou notoriedade como solista quando foi chamado para a banda de Miles Davis ("Tutu", "Siesta", "Doo-Bop", etc.). Vem a Guimarães, em quarteto, a 12 de Novembro. Tem um saxofone anguloso e rápido e sola de forma imaginativa, dentro dos padrões convencionais.



KENNY GARRETT

O New Quartet de Charles Lloyd é um motor potente e afinadíssimo, com Jason Moran, Reuben Rogers e Eric Harland em alta intensidade.

"Summit" é um vocábulo jazzístico que tem caído em desuso e por isso é com prazer que o vemos recuperado em Guimarães. Indica a junção de grandes executantes numa "batalha" positiva, mas desafiante. O primeiro sábado do festival, a 13, propõe-nos precisamente um "sax summit", com a reunião de três grandes músicos, Ravi Coltrane (filho de John, que assim regressa ao Guimarães Jazz), Dave Liebman e Joe Lovano, para uma noite que promete chispar. São três gerações e três formas diferentes de soprar. Vamos poder assistir ao entrelaçar dessas diferenças, numa procura de pontos de contacto e também de separação. O dia 14 prossegue a ligação do festival à editora Tone of a Pitch. O projecto Guimarães Jazz / TOAP 2010 é desta vez constituído por Julian Argüelles, Mário Laginha, André Fernandes, Nelson Cascais e Marco Cavaleiro. Também seguindo as experiências do passado, o grupo compôs temas especificamente para o festival e a gravação será lançada em 2011. As duas semanas do festival terão, também como é habitual, concertos "after hours", da responsabilidade do grupo The Story, que conduzirá igualmente o "workshop" que fornece os músicos para essas "jams" tardias. Constituem-no jovens músicos em ascensão na cena de Nova Iorque, como os saxofonistas Samir Zarif e Lars Dietrich e o pianista John Escreet.



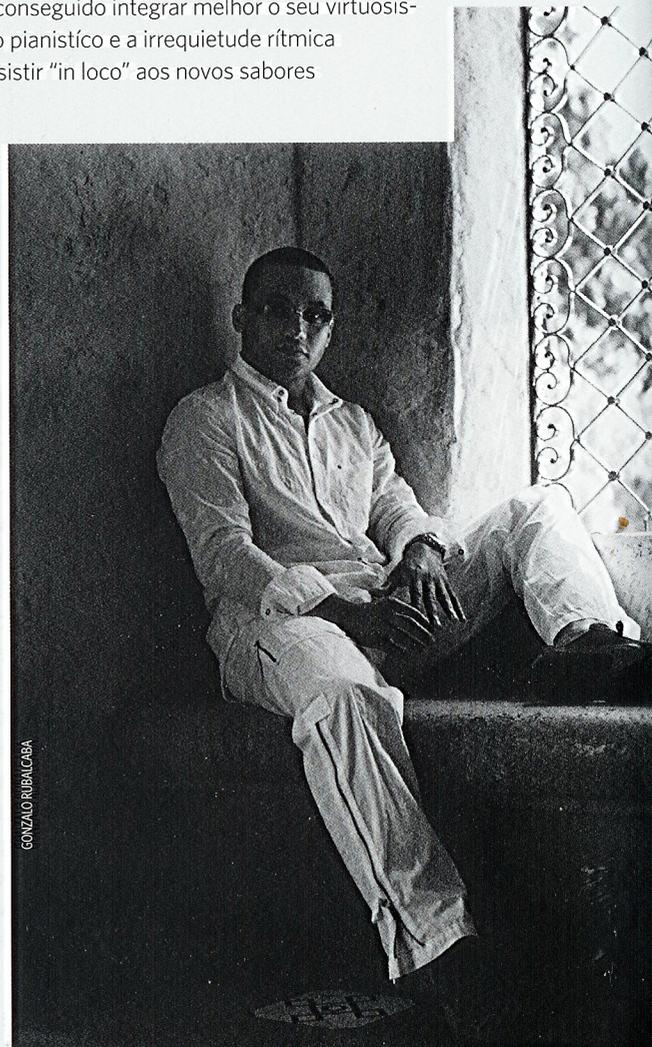
The Story integra jovens músicos em ascensão na cena de Nova Iorque, com os saxofonistas Samir Zarif e Lars Dietrich à frente.

Pausa para respirar e voltamos a submergir no segundo e último fim-de-semana, para a 18 de Novembro ouvirmos o New Quartet do saxofonista Charles Lloyd. Um músico que vem frequentemente a Portugal e que, apesar da sua idade, nos habituou a um saxofonismo de alta intensidade, com qualidade a corresponder. Como é que ele consegue, não sabemos, mas que sopra como se não tivesse 72 anos, sopra. O quarteto é um motor potente e afinadíssimo, com Jason Moran, Reuben Rogers e Eric Harland. No dia seguinte, 19, volta a Guimarães - 14 anos depois - Gonzalo Rubalcaba, em sexteto. Uma boa notícia para os fãs da mistura cubana. Nos últimos anos o pianista tem conseguido integrar melhor o seu virtuosismo quase circense com fortes ideias musicais: o fogo-de-artifício pianístico e a irrequietude rítmica de que é capaz parecem agora mais consistentes. Poderemos assistir "in loco" aos novos sabores do "cocktail" inventado por Dizzy Gillespie - o afro-cuban jazz.

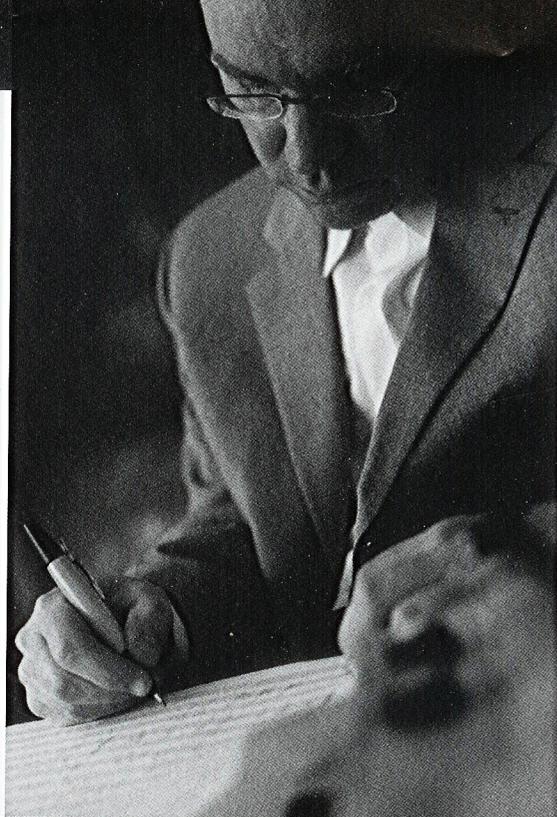
O dia de encerramento, 20 de Novembro, será marcado por dois concertos distintos. O primeiro, ao final da tarde, terá a presença da Big Band da ESMAE, dirigida pelos músicos dos The Story, a que já nos referimos acima, resultado de uma colaboração com esta escola que se tem mantido ao longo dos anos e tem dinamizado as actividades paralelas ao festival.

À noite, a tradição manter-se-á: o Guimarães Jazz termina com a actuação de uma "big band". Nem imagino a dificuldade de Ivo Martins em todos os anos arranjar uma orquestra: não só não há muitas, como já foram a Guimarães as melhores (já lá vão 19 edições). Este ano, a proposta entusiasma à partida: a New York Composers Orchestra reúne alguns nomes significativos daquilo que foi a "downtown" nova-iorquina nos anos 1990. Destacam-se Wayne Horvitz (que integrou os Naked City de John Zorn), Robin Holcomb, Marty Ehrlich, Lindsey Horner e Bobby Previte (um baterista excepcional).

Guimarães oferece razões de sobra para "meter" uns dias de férias e participar nesta festa que se centra no jazz e proporciona uma vivência muito particular. Vale a pena. ●



GONZALO RUBALCABA



O teclista dos extintos Naked City vem a Guimarães com a orquestra na qual se depositaram entre o final da década de 1980 e o início da de 90 muitas esperanças de renovação do modelo "big band". Na altura em que se assinalam os 25 anos passados da sua formação, conversámos com o seu principal responsável...

Wayne Horvitz

Fénix renascida

texto RUI EDUARDO PAES

O nome de Wayne Horvitz ganhou particular relevo nas décadas de 1980 e 90, quando se tornou num dos principais agentes da cena "downtown" de Nova Iorque e integrou o grupo Naked City de John Zorn. Agora a viver em Seattle, pode ter perdido visibilidade, mas continua uma carreira de particular brilhantismo. Foi no período em que tinha os holofotes virados para si que dirigiu, com Robin Holcomb, sua mulher, a New York Composers Orchestra. Apesar de esta ter apenas dois álbuns editados, foi considerada no início dos anos 90 como um dos melhores exemplos de renovação do modelo "big band". De então para cá, a NYCO tem estado meio adormecida, mas a comemoração dos 25 anos da sua formação transformou-se numa digressão internacional que terá paragem no nosso país, para uma actuação no Guimarães Jazz. Sobre isto e mais nos fala o teclista e compositor...

A New York Composers Orchestra continua a ter actividade regular, ou esta vinda ao Guimarães Jazz é um acto isolado?

Já há muito tempo que a orquestra tem tido uma actividade reduzida. Eu, Robin Holcomb e Tom Varner mudámo-nos para Seattle e nesta cidade decidimos dar início a uma versão local da banda, tocando o repertório original e material novo. Chamámos ao projecto WACO (Washington Composers Orchestra). Acontece, no entanto, que a New York Composers Orchestra se formou há 25 anos, e para comemorar essa efeméride planeámos uma série de concertos, que teve início a 23 de Outubro em Nova Iorque e na qual está inserida esta vinda a Portugal. O último espectáculo será na cidade de Milão, em Abril do próximo ano.

A música que vamos ouvir será também uma mistura de temas compostos entre o final da década de 1980 e o início da seguinte e de novas composições? Escritas por quem?

Tocaremos sobretudo o repertório mais antigo, algumas peças de finais dos anos 1990 que nunca foram gravadas e pelo menos dois novos temas. A maior parte das composições são assinadas por mim, Robin Holcomb, Tom Varner e Marty Ehrlich.



“Inovar não tem valor quando não está em ligação com a beleza e a honestidade da música, com a solidez das estruturas e outros factores.”

Também disse que, para si, a improvisação sem algum tipo de estrutura «não tem foco, é indulgente e frequentemente vazia de substância». Continua a pensar assim? Quer isto dizer que não aprecia a música livremente improvisada?

Não, nada disso. No seu pior, e sem surpresas, a improvisação livre pode ser a mais horrenda das músicas, mas no seu melhor nada há de mais fantástico! Penso que a estruturação intuitiva da música é algo de muito importante e o que mais gosto na música improvisada é de quão profundas e invulgares estas estruturas podem ser.

Como é que posiciona a New York Composers Orchestra no contexto da tradição das “big bands” e na sua evolução? E entre as actuais formações de grande número?

Não é algo em que eu pense muito. Acho que temos um óptimo repertório, mesmo que não seja particularmente valorizado, pelo facto de os seus compositores não escreverem habitualmente para “big band”. Sobretudo as peças de Robin, que são incrivelmente criativas e belas. Surpreende-me negativamente que mais pessoas, e críticos, não reconheçam a sua contribuição única para este formato.

Em tempos, num entrevista, perguntou a si mesmo «onde colocar a linha de separação entre composição e improvisação». Já descobriu?

Já não me interessa traçar essa linha. Para mim, tudo está em continuum. Às vezes as minhas composições são mais “improvisadas” do que as minhas improvisações (risos).

Não se considera um músico inovativo, ainda que goste de explorar possibilidades e de sair da “caixa”. Porquê?

Bom, digamos que, por vezes, sou um músico inovativo (risos). Apenas não estou interessado em ser um “músico inovativo” só porque sim. Inovar não tem valor quando não está em ligação com a beleza e a honestidade da música, com a solidez das estruturas e com toda uma lista de outros factores. Mas se é disso que se trata quando estamos a falar de encontrar uma voz pessoal, então inovar é importantíssimo.

Considerando que a sua música é um “mix” de diferentes idiomas e estilos, a sua posição contra o eclectismo próprio da era pós-moderna é um pouco surpreendente. Pode explicar-me essa sua aversão?

Odeio a palavra “eclectico” porque, regra geral, implica a existência de uma papa de intenções estilísticas. O facto de compor jazz para “big band”, rock ou música contemporânea é, para mim, apenas uma questão de orquestração. Toda a minha produção musical tem aspectos comuns e é só isso que me interessa.

Também evita apresentar-se como um músico de jazz. Pode dizer-me porquê?

Estudei jazz e às vezes toco jazz, mas não me quero limitar aos confinamentos implicados pelo uso geral desse rótulo. Além disso, a verdade é que nunca me dediquei ao jazz tanto quanto os grandes músicos do género que merecem todo o meu respeito. O meu amor pelo jazz é, no entanto, imenso e considero-o uma parte integral da minha prática e da minha música.

Costuma dizer que toca o seu próprio estilo. É realmente o mesmo quando compõe para um combo de jazz ou para um ensemble de música de câmara?

Não tenho qualquer dúvida quanto a isso.

O facto de se ter mudado de Nova Iorque para a costa do Pacífico parece ter implicado uma sua menor visibilidade (pelo menos internacionalmente), mas sei que sente estar a criar o seu melhor trabalho precisamente agora. Não é irónico que tal se verifique quando há menos pessoas a repararem?

Espero que isso não seja verdade, mas é capaz de ter razão. Penso que esta é a minha melhor fase porque estou mais velho, mais esperto, mais experimentado e tenho mais coisas a dizer musicalmente. ●

Para saber mais

www.waynehorvitz.net

Discografia seleccionada

Wayne Horvitz: "Way Out East" (Songlines, 2006)

Sweeter Than the Day: "Live at the Rendezvous" (Liquid City, 2005)

Wayne Horvitz / Ron Samworth / Peggy Lee / Dylan van der Schyff: "Intersection Poems" (Spool, 2005)

Mylab: "Mylab" (Sony BMG, 2004)

Wayne Horvitz: "Film Works" (Avant, 2003)

Wayne Horvitz: "Sweeter Than the Day" (Songlines, 2002)

Zony Mash: "Live in Seattle" (Liquid City, 2002)

Wayne Horvitz 4+1 Ensemble: "From a Window" (Avant, 2001)

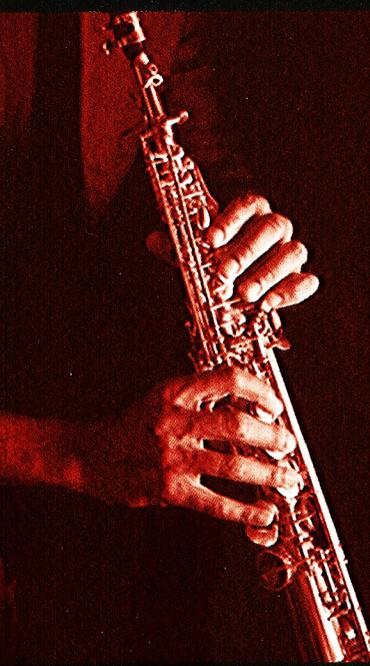
Zony Mash: "Upper Egypt" (Knitting Factory, 2000)

Ponga: "Psychological" (P-vine, 2000)

+

New York Composers Orchestra: "First Program in Standard Time" (New World, 1992)

New York Composers Orchestra: "New York Composers Orchestra" (New World, 1990)



com
MUSICA
instrumentos musicais
Coimbra

Rua do Brasil, nº71/73, 3030-175 Coimbra | tlf. 239 798 420 / fax. 239 798 429

www.lojamusica.com | geral@lojamusica.com